

Uma Longa e Rica História e um Presente Emocionante



Man'yōshū

Pedra inscrita com um verso do Man'yōshū

A literatura escrita do Japão é forma uma das mais ricas tradições Orientais, e tem recebido influências estrangeiras desde o início do século VIII. Antes da metade do século XIX, a fonte de influência era a cultura da China. Após meados do século XIX, o impacto da cultura moderna ocidental se tornou predominante.

A Primeira Literatura e a Literatura Heian

Embaixadas oficiais das dinastias Sui (589-618) e Tang (618-907) da China (*kenzuisihi* e *kentoshi*, respectivamente), criadas em 600, eram os meios primários pelos quais a cultura, tecnologia e métodos de governo chineses eram introduzidos extensivamente no Japão. O *Kojiki* (712, *Registro dos Assuntos Antigos*) e o *Nihon shoki* (720, *Crônicas do Japão*), sendo o primeiro escrito em um híbrido chinês-japonês e o último em chinês clássico, foram compilados por meio do patrocínio do governo, com o propósito de autenticar a legitimidade de sua estrutura política.

Entretanto, entre essas coleções de mitos, genealogias, lendas de heróis populares e registros históricos, também aparece um número de músicas – amplamente irregulares em métrica e escritas com caracteres chineses representando sílabas ou palavras japonesas – que oferecem uma ideia da natureza dos versos japoneses ágrafos.

A primeira grande coleção de poesia nativa, mais uma vez escrita com caracteres chineses, foi o *Man'yōshū* (fim do século VIII, *As Dez Mil Folhas*) que contém versos, principalmente os *waka* de 31-sílabas, que foram compostos principalmente entre meados do século VII e VIII. Os poemas anteriores da coleção são caracterizados pela expressão direta de fortes emoções, porém os posteriores mostram o surgimento das convenções retóricas e sutileza expressiva que dominou a próxima tradição da poesia de corte.

Uma conquista revolucionária de meados do século IX foi o desenvolvimento de uma ortografia nativa (*kana*) para a representação fonética do japonês. Usando caracteres chineses radicalmente abreviados para denotar sons japoneses, o sistema contribuiu para um aprofundamento da consciência literária nativa distinta daquela da China. Poetas compilaram coleções (*shikasu*) dos seus versos e, usando parcialmente esses como base, a *Kokin wakashū* (905; *Coleção Waka dos Tempos Antigos e Modernos*), a primeira das 21 antologias de poesia nativa, foi criada no início do século X.

A introdução do *kana* também levou ao desenvolvimento de uma literatura de prosa no vernacular, alguns dos seus primeiros exemplos sendo o *Ise monogatari* (meados do século X; *Contos de Ise*), uma coleção de vinhetas centradas em poemas; e o diário *Tosa nikki* (935; *O Diário de Tosa*). Ao final do

século X, a ascendência dos regentes Fujiwara, cujo poder dependia da recepção de suas filhas como consortes imperiais, resultou na formação de grupos literários de mulheres na corte das imperatrizes, e foram tais mulheres que produziram grande parte dos clássicos em prosa do século XI. Trabalhos como o *Genji monogatari* (início do século XI, *Conto de Genji*) uma narrativa fictícia de Murasaki Shikibu, e o *Makura no soshi* (996-1012; *O livro de cabeceira de Sei Shonagon*), uma coleção de ensaios por Sei Shonagon, foram considerados pelos japoneses uma verdadeira divisória no desenvolvimento da literatura tradicional nativa.



Uma estatua de Murasaki Shikibu
A autor do Conto de Genji (Foto cortesia de AFLO)

Literatura Medieval

A poesia de rimas emparelhadas (*renga*) foi o principal desenvolvimento em poesia durante o período medieval (meados do século XII até o século XVI). Tendo surgido da tradição das cortes do *waka*, a *renga* era utilizada tanto pela classe guerreira quanto pelos membros da corte, e alguns dos melhores poetas da *renga*, como Sogi, eram plebeus. Um grande desenvolvimento na literatura em prosa da era medieval foram os contos de guerra (*gunki monogatari*). O *Heike monogatari* (início do século 13, *O Conto de Heike*) relaciona os acontecimentos da guerra entre as famílias Taira e Minamoto que finalmente trouxeram um fim ao regime imperial; foi disseminado entre todas as camadas da sociedade por sacerdotes itinerantes que entoavam a história junto a um instrumento similar ao alaúde, o *biwa*. A revolta social dos primeiros anos da era levou ao surgimento de vários trabalhos influenciados pela noção Budista de inconsistência das questões do mundo (*mujo*). A temática do *mujo* dá a base ao *Heike monogatari* e a coleção de ensaios do *Hojoki* (1212, *The Ten Foot Square Hut*), por Kamo no Chomei, e o *Tsurezuregusa* (ca 1330; *Ensaio em Ociosidade*) por Yoshida Kenko.

Literatura Edo

A formação de um governo central estável em Edo (atualmente Tóquio), depois de cerca de 100 anos de tumulto, e o crescimento de uma economia de mercado baseada no amplo uso de uma moeda padronizada levou ao desenvolvimento de uma grande classe de homens ricos na cidade durante o período Edo (1600-1868). A prosperidade geral contribuiu para um aumento na alfabetização, e trabalhos literários passaram a ser mercadoria vendável, dando início a uma indústria editorial. Humorosos estudos fictícios da sociedade contemporânea, como o *Koshoku ichidai otoko* (1682; *A Vida de Um Homem Amoroso*), por Ihara Saikaku, foram grandes sucessos comerciais. Trabalhos em prosa, geralmente com ilustrações elaboradas, que eram direcionados a o público em massa, se tornaram um símbolo da literatura do período Edo. Surgiram teatros comerciais para peças de fantoches (*yoruri*) e *kabuki*, cuja histórias geralmente centradas em conflitos que surgiam devido a rígida hierarquia social que fora instituída pelo shogunato Tokugawa.

O verso de 17-sílabas conhecido como *haikai* (posteriormente, *haiku*), cujos temas eram tirados da natureza e da vida de pessoas comuns, foi levado ao nível de grande poesia por Matsuo Basho - conhecido por seus diários de viagem, como o *Oku no hosomichi* (1664; *A Estreita Estrada para o*

Longínquo Norte). Um número de filólogos, entre eles Keichu, Kamo no Mabuchi e Motoori Norinaga, escreveram estudos escolares sobre os primeiros textos literários, como o *Kojiki*, *Man'yōshū* e *O Conto de Genji*.



Oku no Hosomichi

Uma tela decorada com ilustrações e texto mostrando cenas da obra de Bashō “A Estreita Estrada para o Longínquo Norte”

(Foto cortesia do Museu de Arte Yamagata)

Literatura Moderna

A restauração imperial de 1868 foi seguida pela introdução indiscriminada de tecnologia e cultura ocidentais, diminuindo consideravelmente a influência da cultura chinesa. Como resultado, o romance se estabeleceu como um sério e importante gênero da literatura do Japão. Um desenvolvimento relacionado foi o abandono gradual da linguagem literária em favor dos usos da fala coloquial.

Futabatei Shimei escreveu o que tem sido chamado de o primeiro romance japonês, *Ukigumo* (1887-1889; *Nuvens à Deriva*). O que é notavelmente novo sobre esse romance é o estilo coloquial da linguagem, a concepção do herói de Futabatei em uma sociedade que está mudando rapidamente e a análise psicológica sutil do seu protagonista. Nos anos 1890, o *insight* psicológico de Futabatei passou a ser usado por diversos escritores jovens. Uma das mais impressionantes histórias desse estilo foi o *Takekurabe* (1895-1896; *Crescendo*), por Higuchi Ichiyo, que conta a história de crianças moradoras de uma zona de prostituição, e onde Ichiyo descreve sentimentos como a solidão na adolescência e a confusão que se instala no início na puberdade. Outro escritor, Shimazaki Toson, relata em sua primeira novela, *Hakai* (1906, *O Mandamento Quebrado*), a história de um professor que esconde da sociedade que nasceu em um local de marginalizados até perceber que a única forma de viver plenamente seria por meio da verdade. Depois de *Hakai*, entretanto, Toson se fechou em seu próprio mundo para escrever um gênero de história pessoal conhecido como “I-novel” (*shishosetsu*).

Os realistas romances modernos chegaram à maturidade plena com Natsume Soseki. Seus heróis geralmente são homens com graduação superior que se tornaram vulneráveis pelo novo egoísmo e uma percepção muito afiada da sua separação do resto do mundo. Culpa, traição e isolamento são consequências inevitáveis, para Soseki, da liberação do eu e de todas as incertezas que chegaram junto com a cultura ocidental. Tais temas são abordados em *Kokoro* (1914; *O Coração*), *Mon* (1910; *O Portão*) e *Kojin* (1912-1913; *O Viajante*). Mori Ogai primeiramente ganhou consagração com três curtas histórias românticas que ocorrem na Alemanha. A mais conhecida, *Maihime* (1890; *A Garota que Dança*), tem como tema o romance condenado a acabar de um jovem estudante japonês em Berlim com uma dançarina alemã. Seus últimos trabalhos finais mais representativos são estudos ficcionais em histórias e biografias, tal como a vida de um doutor do período Edo apresentada em *Shibue Chusai* (1916). Akutagawa Ryunosuke foi um dos escritores de histórias curtas mais conhecido do Japão. Tais histórias, como *Rashomon* (1915; *Rashomon*) e *Yabu no naka* (1922; *Em Um Bosque*), são contadas de forma brilhante, combinando uma sutileza psicológica e um tom sarcástico com um deleite elegante pelo grotesco. Nagai Kafu, cuja a vida e obras refletiam a tensão entre o moderno e um anseio pelo velho Japão, é mais conhecido por seus trabalhos elegíacos. *Bokuto kidan* (1937; *Um Estranho Conto do Leste do Rio*), um exemplo notável de tal ficção, descreve em detalhes adoráveis um submundo ao redor de Tóquio que está se esvaindo.



Retrato de Natsume Soseki
(Foto concedida pelo Museu de Literatura Japonesa Moderna)

O autor que mais claramente retratou o sentimento de perda e confusão após a Segunda Guerra Mundial foi Dazai Osamu. A obra de Dazai, *Shayo* (1947; *O Sol Poente*) e o romance publicado logo antes de seu suicídio, *Ningen shikkaku* (1948; *Não Mais Humano*), atraiu um grande público leitor. Não muito após a derrota, Tanizaki Jun'ichiro publicou sua obra prima, o romance *Sasameyuki* (1943-1948; *As Irmãs Makioka*) - uma crônica das vidas das filhas de um mercador em seus últimos estágios de declínio antes do estouro da guerra. É uma linda elegia da transição final de tudo que restava de um velho e mais elegante mundo.

Em romances como *Yukiguni* (1935-1948; *País de Neve*), o laureado pelo Prêmio Nobel, Kawabata Yasunari, cria enormes distância entre seus personagens, sugerindo um pavor de intimidade que ameaça até mesmo o mais próspero dos relacionamentos humanos. Após a guerra, Kawabata começou a escrever o que chamou de "elegias ao Japão perdido", em trabalhos como *Yama no oto* (1949-54; "O Som da Montanha"). Ainda sim, a escrita japonesa no pós-guerra recente não poderia ser caracterizada apenas em termos do choque e deslocamento da derrota. Havia, de fato, uma vigorosa renascença das atividades literárias após 1945 e um novo grupo de escritores que debutou à essa época passou a ser conhecido como "a primeira geração" de autores pós-guerra. Entre os membros desse grupo estavam Noma Hiroshi e Ooka Shohei. A "segunda geração" de escritores pós-guerra inclui Abe Kobo e Mishima Yukio. Abe iria, eventualmente, criar um tipo diferente de alegoria existencial "Kafkaesca" em novelas como *Suna no onna* (1962; "The Woman in the Dunes"), enquanto Mishima atraía os leitores internacionais com seu esteticismo opulento em trabalhos como *Kinkakuji* (1956. "O Templo do Pavilhão Dourado").

Críticos postularam um momento decisivo na década de 50, depois do qual a ficção japonesa não pode mais ser caracterizada nos termos de consciência de recente pós-guerra. A partir dessa época, uma reconstrução da forma I-novel foi alcançada pelos autores da "terceira geração", como Kojima Nobuo, Yasuoka Shotaro, Yoshiyuki Junnosuke e Shimao Toshio. Também incluso neste grupo está Endo Shusaku, um católico convertido que examina as questões de traição, covardia e martírio em romances como *Chimmoku* (1966; *Silêncio*). A partir de 1960, os autores procuraram se aproximar de várias formas de ficção ou experimentar com novos modos de representação. Oe Kenzaburo, que recebeu o Prêmio Nobel da Literatura em 1994, foi uma prodigiosa força inventiva na ficção contemporânea, sempre experimentando novas formas e modos de apresentação em romances como *Kojinteki na taiken* (1964; *Uma Questão Pessoal*) e *Man'engannen no futtoboru* (1967; *O Grito Surdo*). Tsushima Yuko, a filha de Dazai Osamu, explorou o tema da vida de mães solteiras em *Choji* (1978; *Filho da Sorte*).

Finalmente, a geração criada na cultura internacional das últimas décadas encontrou sua voz em escritores como Murakami Ryu, autor de *Kagirinaku tomei ni chikai buru* (1976; "azul Quase Transparente") e Murakami Haruki, cujo romance *Norue no mori* (1987; "Foresta Norueguesa") vendeu mais de dez milhões de cópias, é popular entre leitores estrangeiros, tendo seus trabalhos traduzidos para múltiplas línguas, e ganhou o Prêmio Franz Kafka na Tchecoslováquia em 2006, o

Prêmio Jerusalém em 2009 e o Prêmio Internacional da Catalunha na Espanha em 2011. Yoshimoto Banana, nascido em 1964, retrata a vida daqueles que vivem em situações extremas de isolamento em *Kitchin* (1987, "Kitchen"). Tais autores têm sido imensamente populares entre os jovens leitores, tanto no Japão como fora.

Literatura Atual

Desde 2000, surgiram novas formas de literatura, incluindo romances online lançados na internet e romances *keitai* (celulares) mandados por telefone celular, conforme o uso da Internet e de celulares se amplia. Entre romances *keitai* que foram acessados por muitos, há alguns que se transformaram em *bestsellers* no formato livro, e trabalhos que foram dramatizados. Romances leves para jovens, que incluem muitas ilustrações e são escritos em uma forma fácil de entender, também têm se tornado popular.

Publicações online estão cada vez mais populares. Enquanto livros que tiveram seus direitos autorais expirados têm sido ofertados de graça na internet, os livros japoneses ainda protegidos pelos direitos autorais também estão online. O mercado local para publicações online foi estimado em 62,9 bilhões de ienes em 2011. O Instituto de Pesquisas de Mídia na Internet afirma que, conforme mais pessoas passarem a usar smartphones e *tablets*, mais o mercado expandirá.